

## O AMOR EM RETROSPECTO: DUAS MULHERES DE BRAGA

Rafaela Godoi Bueno Gimenes (G-UEL/CNPq)

Luiz Carlos Santos Simon (UEL)

### RESUMO

Primeiro Pierina; Joana veio depois, por curiosidade. “Pierina existiu mesmo?”, pergunta uma leitora; existiu, revela o eu através da crônica; de carne e osso, mas existe até hoje, eternizada, em vários livros de Rubem Braga. Há muito tempo, uma pergunta não saía da cabeça: Pierina persistiu? Ao tentar respondê-la, uma rival é encontrada: Joana. Mas quem é Joana? Qual a relevância dessas mulheres na intimidade do eu do cronista? É significativo salientar que o interesse por Pierina surgiu pela primeira vez em uma crônica de *A traição das elegantes*, de 1967, e teve confirmação com outras de *O conde e o passarinho*, de 1934. Este artigo pretende traçar uma linha do tempo que visa à análise da intimidade e se há gradações em relação aos sentimentos do eu com o passar dos anos. Para tanto, tivemos como base reflexões teóricas sobre a intimidade que incluem desde Habermas a Giddens. Há também algumas considerações sobre a crônica retiradas de um livro organizado por Beatriz Resende e ensaios de Davi Arrigucci Jr. que exploram não só o gênero em questão, mas, principalmente, Rubem Braga.

*Palavras-chave:* Rubem Braga; crônica; intimidade; mulher; Giddens.

### ABSTRACT

First Pierina; Joana comes after, out of curiosity. “Has Pierina really existed?” ask a lady reader; reveals the chronic “I” that really there was Pierina; in the flesh, but there is until today, eternalized, in many books of Rubem Braga. For many time, a question has always been in my mind: has Pierina persisted? When trying to answer it, a rival is found: Joana. But, who is Joanna? What is the importance of those women in the intimacy of the “I” of the chronicist? It is important to highlight that the interest for Pierina arose for the first time in a chronic of *A traição das elegantes*, in 1967, and was confirmed in others of *O conde e o passarinho* in 1934. This article intends to trace a time line which objective is to analyze the intimacy and if there is with the pass of the years graduations of the chronic “I”’s feelings. Therefore, we were based on teoric reflections about intimacy which include from Habermas until Giddens. There are also some considerations about the chronic extracted from a book organized by Beatriz Resende and Davi Arrigucci Jr’s essays, that explore not only chronic genre, but mainly Rubem Braga’s.

*Keywords:* Rubem Braga; chronic; intimacy; woman; Giddens.

Analisar a sucessão dos anos em determinadas crônicas, em um gênero ligado intrinsecamente a ele, ao tempo. Este artigo possui o objetivo de, mais do que observar o tempo, debruçar-se em mulheres nomeadas de Rubem Braga, em duas delas: Pierina e Joana, nesta ordem. E por que o estudo está concentrado em apenas duas das várias mulheres desse cronista? Por que Hélice<sup>23</sup> e Norka<sup>24</sup> não desfrutaram distinção semelhante? Preferência; mas não só isso. Antes de explicar as escolhas empregadas e a própria metodologia da pesquisa, é indispensável discorrer, mesmo que brevemente, sobre o gênero em questão.

Do Grego “krónos”, o “vocábulo ‘crônica’ mudou de sentido ao longo dos séculos. Empregado primeiramente no início da era cristã, [...] a crônica se limitava a registrar os

<sup>23</sup> “Uma certa americana”, *A traição das elegantes*, p. 102.

<sup>24</sup> “Era loura, chamava-se Norka”, *Recado de primavera*, p. 9.

eventos, sem aprofundar-lhes as causas ou dar-lhes qualquer interpretação” (MOISÉS, 1974, p. 131-2). A mudança de significado da palavra crônica ocorreu, segundo Afrânio Coutinho, ao que parece, no século XIX, “não havendo certeza se em Portugal ou no Brasil. [...] crônica passou a significar outra coisa: um gênero literário de prosa” (1971, p. 109).

A intenção ao esclarecer o vínculo estreito da crônica com o tempo está justamente no fato de que visamos compreender a relevância de Pierina e Joana com o passar dos anos; traçando, assim, uma espécie de linha do tempo amorosa. Ressaltamos ainda a relação temporal com tal gênero literário através de um trecho de Margarida de Souza Neves que, além de esclarecer aspectos sobre a história da crônica, mostra como ela pode, muitas vezes, ser História:

Frequentadores assíduos das crônicas coloniais, os historiadores recentemente descobriram o fascinante universo dos cronistas modernos que, ao contrário de alguns de seus predecessores, abdicam de assumir como tarefa primordial o registro pretensamente objetivo do acontecido para abrir espaço ao comentário pessoal, ao olhar subjetivo, à busca do significado do efêmero e do fragmentário, ainda que mantendo paradoxalmente em comum com os cronistas de todos os tempos o desejo de, através da crônica, condensar na letra o tempo vivido. Na forma como no conteúdo, a crônica é sempre, e de formas muito distintas, um texto que *tematiza o tempo* e, simultaneamente, *o imitiza*. (NEVES, 2001, p. 17, grifo nosso.)

As crônicas coloniais, citadas por Neves, eram basicamente registros de eventos. Foi apenas com os cronistas ditos modernos que o gênero ganhou *status* literário. Não podemos esquecer, é claro, da influência de autores românticos e realistas, como José de Alencar e Machado de Assis, para a consolidação da crônica; na época, folhetim.

Com Arrigucci Jr. e seus “Fragmentos sobre a crônica”, temos a confirmação dos vários significados dessa palavra, incluindo aspectos relevantes para o desenrolar de nossa pesquisa: “Todos [os significados da palavra *crônica*], porém, implicam a noção de tempo. [...] Um leitor atual pode não se dar conta desse vínculo de origem que faz dela uma forma do tempo e um registro da vida escoada” (1999, p. 51). Arrigucci complementa evocando o próprio processo da escrita: “Lembrar e escrever: trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, *o que fica do vivido*” (grifo nosso). Assim, para a construção deste estudo, levamos em consideração que “a crônica pode constituir o testemunho de uma vida” (ARRIGUCCI Jr., 1999, p. 52); entretanto, não podemos confundi-la com a própria vida do cronista.

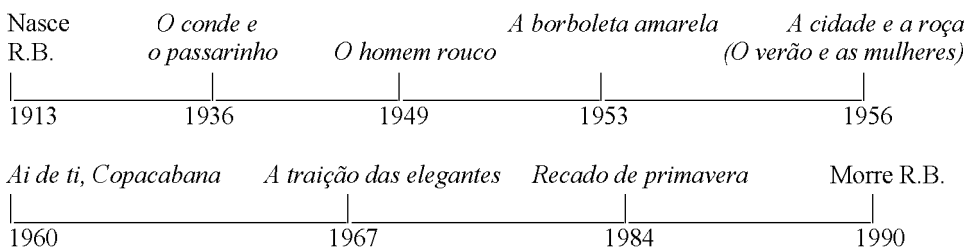
Podemos agora justificar de alguma forma o motivo de termos escolhido Pierina, e não Hélice, e Joana, e não Maria nem Rускаia. Ambas surgem constantemente em seus livros, às vezes lado a lado, num mesmo parágrafo. A questão que logo nos inquietou foi o aparecimento incessante dessas mulheres. Buscamos decifrar a importância na intimidade do eu do cronista; desejamos também verificar as possíveis gradações em relação aos sentimentos do eu com o passar

dos anos, das décadas. Afinal de contas, o espaço que existe entre o primeiro vestígio de Pierina e Joana e o último é de, mais ou menos, trinta e três anos – de 1934 a 1967.

Já a metodologia diz respeito à coleta de dados. Procuramos em livros publicados de Rubem Braga crônicas que pelo menos citassem o nome de uma ou de outra. Os livros pesquisados foram: *O conde e o passarinho & Morro do isolamento*, *O verão e as mulheres*, *O homem rouco*, *Um pé de milho*, *Ai de ti*, *Copacabana*, *A traição das elegantes*, *Recado de primavera*, 1939 – *Um episódio em Porto Alegre*, *A borboleta amarela*, *Um cartão de Paris*, *Aventuras*, *Dois repórteres no Paraná* e *As boas coisas da vida*. Destes livros, localizamos onze crônicas, sendo que uma delas, “Ruão” (set./1950), deixamos de lado por se referir à Joana d’Arc e não à Joana de Ouro Preto ou à Joana carrasca.; são elas: “As carrascas”, “O conde e o passarinho”, “A moça chamada Pierina”, “Visitação a São Paulo”, “Receita para mal de amor”, “Sobre o amor, etc.”, “O novo caderno”, “A casa”, “Era loura, chamava-se Norka” e “Sizenando, a vida é triste”.

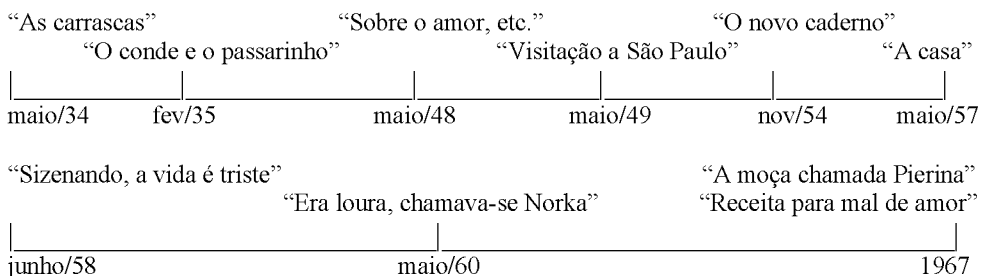
Não vamos, por uma questão de limite de caracteres e tempo, aprofundar o estudo em crônicas que fazem apenas referência ao nome de Pierina ou Joana. Encaixá-las-emos na linha do tempo a fim de que tenhamos um panorama completo da intimidade trabalhada por Anthony Giddens, relacionando as datas e o que é dito nos textos literários para elaborarmos uma conclusão consistente sobre a retrospectiva que aqui se intenciona.

Segue abaixo a linha do tempo das obras pesquisadas:



Como consta na linha do tempo acima, tomando como ponto de partida o nascimento do escritor e como de chegada a sua morte, notamos que Pierina e Joana aparecem pela primeira vez no livro publicado em 1936 e deixam de aparecer em publicação de 1967. Vale notar que não tivemos acesso às crônicas não publicadas em livros e que estão, no momento, em acervo na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Fizemos outra linha do tempo, agora com as crônicas trabalhadas:



É necessário salientar que as duas primeiras crônicas fazem parte de um mesmo livro, *O conde e o passarinho*; a terceira e a quarta também, *O homem rouco*; as duas últimas integram *A traição das elegantes*. Além disso, notamos que, quando há duas crônicas num mesmo livro, uma fará referência à Pierina e a outra, à Joana. Excluindo as crônicas “A casa” e “Sizenando, a vida é triste”, que fazem parte de um mesmo livro, *A borboleta amarela*, embora nas duas não haja Pierina, apenas Joana. Finalmente, concluídas as apresentações e justificativas, vamos às análises.

A primeira a ser estudada é “A moça chamada Pierina” do livro *A traição das elegantes* de 1967. No início, há a pergunta de uma leitora: “Pierina existiu?” (BRAGA, 1967, p. 110). É imprescindível para esta pesquisa esclarecer a relevância da crônica ter começado com o questionamento de outrem. A linguagem adotada pelos cronistas, por Braga, “[...] se reveste, inicialmente, de um tom coloquial, primeiro de quem conversa consigo mesmo, depois com o amigo íntimo ou a pessoa em dado instante querida, finalmente com o leitor desconhecido” (CANDIDO; CASTELLO, 1964, p. 359). Neste caso, o leitor deixa de ter um papel de ouvinte e faz suas próprias demandas ao cronista, enviando-lhe cartas, questionando e, até mesmo, reclamando da crônica do dia anterior. Chamaremos a pessoa que causa certa influência na produção escrita do cronista de *outro*. De acordo com Paula Sibília, “[...] toda comunicação requer a existência do outro, do mundo, do alheio, do não-eu, por isso todo discurso é dialógico e polifônico, inclusive os monólogos e os diários íntimos” (2008, p. 32). Ao contrário do que afirma Arrigucci Jr., quando explica que por trás “[...] de todo narrador, na sua prosa há sempre um autor implícito que supõe um outro, no caso o ouvinte, mais que o leitor” (1979, p. 160), presumimos que o outro-participativo, como a própria nomenclatura já denuncia, não é um ouvinte comum e passivo, mas aquele que, curioso ou insatisfeito, contata o autor. A crônica “A moça chamada Pierina” nada mais é do que a resposta para essa outra pessoa – é a crônica “dialógica”, emprestando o termo de Sibília. É significativo ainda apontar para o fato de que a probabilidade de essa leitora ser fictícia existe – a leitora como um recurso quando “a crônica não baixa”. Terminada essa elucidação, continuemos.

A crônica apresenta, em linhas gerais, toda a história de Pierina. O eu confirma que ela existiu: “Sim, amável leitora, Pierina existiu. Chamava-se Pierina mesmo.” (BRAGA, 1967,

p. 111.) Nesta crônica é instigante salientar como a figura de uma garota de “dezesseis ou dezessete anos” é caracterizada. O primeiro aspecto é o modo indiferente e distante com que ela, em 1967, é retratada: “[...] Pierina aparecia uma vez ou outra em uma crônica para animá-la e dar-lhe graça.” (BRAGA, 1967, p. 111.) Em outro parágrafo, quando exalta a proeza de ter-lhe acertado os seios com um aviõzinho de papel assim como, mais tarde, êxito semelhante seria o do foguete que chegou à Lua, admite na melancolia habitual do “velho Braga” que: “[...] os seios de Pierina eram para mim remotos e divinos como a Lua” (1967, p. 111). Remotos, pois Pierina, como a Lua, era vista da janela, à distância, e divinos, por serem justamente remotos, inimagináveis ao toque.

Analisando ainda esse distanciamento com relação à Pierina, notamos: “E pouco mais houve, ou nada. [...] eu era um rapaz solteiro de vinte e um anos e tinha um namoro muito mais positivo que esse de Pierina com uma jovem alemã de costumes muito menos austeros que os seus.” (BRAGA, 1967, p. 112.) A partir do excerto acima, somos obrigados a explicar que, segundo consta na crônica, o eu não chegou, em nenhum momento, a travar diálogo ou até mesmo contato íntimo com Pierina, pois era “filha de pai italiano bigodudo e mãe gorda e severa” (BRAGA, 1967, p. 111). Além do mais, suas conversas eram realizadas da janela: “[...] de sua janela de sobrado para a minha janela em um terceiro ou quarto andar de um hotelzinho que havia ali perto da Ladeira da Memória” (BRAGA, 1967, p. 111) e o único encontro que marcaram “junto à fonte da Memória” (p. 112) não deu certo – o pai de Pierina havia aparecido.

Necessário informar que, como está escrito no começo de “A moça chamada Pierina”, o eu a conheceu em São Paulo, capital, em meados de 1934. Vale notar também que a Ladeira da Memória se encontra no centro dessa cidade, sendo um lugar histórico perto do Vale de Anhangabaú. Soa até mesmo engraçado saber que o único encontro de Pierina com o eu foi num lugar chamado “Memória”. Como já destacamos neste artigo, a crônica possui relação estreita com o tempo e com a própria memória. Arrigucci Jr. afirma que “[...] é ela [a crônica] o registro dos instantâneos da vida moderna, das novidades avassaladoras, dos rápidos acontecimentos, dos encontros casuais, dos estímulos sempre chocantes, do cotidiano das grandes cidades [...]” (1999, p. 63). Para fechar essa idéia, já tão explorada por nós, Arrigucci declara que o “[velho Braga] está sempre um pouco à margem e à distância, ruminando numa rede seu passado capixaba, suas viagens, seus amores, sua velha casa, e de olho no presente transitório dos acontecimentos” (1999, p. 65). Nossa intenção está voltada exatamente para a observação dessa transitoriedade, mas em relação à intimidade.

Já demonstramos como esta crônica rememora, em 1967, fatos passados da vida do eu, de 1934, de uma forma distante demais. “Pierina entrou por uma crônica, saiu pela outra, acabou-se a história.” (BRAGA, 1967, p. 112.) Ansiávamos contestar as informações dadas pelo eu, já que as aparições de Pierina não são assim tão limitadas, e, enquanto buscávamos resquícios de

Pierina, encontramos Joana – sua rival. As duas, lado a lado, numa crônica de maio de 1934: “As carrascas”, de *O conde e o passarinho*, livro publicado apenas em 1936.

Antes de continuar com nossas análises e prosseguirmos no rastro das mulheres de Braga, é indispensável buscarmos alguns esclarecimentos de Giddens, alguns de Habermas e outros de Sennett. Inicialmente, precisamos tratar da diferença entre público e privado, pois a crônica nada é mais do que um texto público, publicado em jornal, e, portanto, ao acesso de qualquer pessoa. Para Habermas, “só à luz da esfera pública é que aquilo que é consegue aparecer, tudo se torna visível a todos.” (1984, p. 16.) Mais adiante, quando disserta sobre o início da imprensa na metade do século XVII, declara que os “jornais políticos” começaram a aparecer diariamente: “[...] uma parte do material noticioso disponível é periodicamente impresso e vendido anonimamente – passando a ter, assim, caráter público” (HABERMAS, 1984, p. 35). Deste modo, a crônica é pública, já que seu meio de publicação não é o livro, mas sim, desde o seu início como folhetim, o jornal. Indo de acordo com a concepção de Habermas, Sennett define público como algo “aberto à observação de qualquer pessoa”, sendo que privado seria “uma região protegida da vida definida pela família e pelos amigos” (1998, p. 30). Afirma que esta concepção do século XVII é muito semelhante ao uso que fazemos atualmente. Giddens vai mais a fundo em sua definição sobre a intimidade. Em seu livro, *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*, o autor afirma que ela “[...] é acima de tudo uma questão de comunicação emocional, com os outros e consigo mesmo, em um contexto de igualdade interpessoal” (1993, p. 146). Algumas páginas depois, acrescenta: “intimidade significa a revelação de emoções e ações improváveis de serem expostas pelo indivíduo para um olhar público mais amplo” (GIDDENS, 1993, p. 154).

Quando esbarramos em crônicas de Rubem Braga, notamos textos predominantemente líricos e presenciamos determinadas “confissões”. Entretanto, apesar do que consta no livro *O show do eu* de Sibilina, alertando para o fato de que nas sociedades contemporâneas os “limites do que se pode dizer e mostrar” estão se alargando, dificilmente, nas produções de Braga, encontraremos confissões demasiadamente íntimas. Mesmo assim, os relacionamentos íntimos que permeiam as crônicas serão percebidos e expostos para “um olhar público mais amplo”. É o caso da relação do eu com Pierina, que se iniciou em 1934 e persistiu em sua memória até 1967.

Em “As carrascas” (maio/1934), ao comentar o fato de quatorze mulheres se inscreverem para um concurso de carrasco, ou seja, de executor de pessoas condenadas à morte, em uma capital européia, talvez Budapeste, o eu brinca com o significado da palavra “carrasca” e compara essas quatorze mulheres com Joana e depois, para nossa surpresa, com Pierina:

Bonitas? Com certeza, não. As bonitas fazem sua matança livremente, todo o dia. [...] Há sorrisos que enforcam; outros guilhotinam, outros eletrocutam. E navalham, atiram, envenenam, esfolam. Nas tardes velhas de Ouro Preto, Joana, Joana de Ouro Preto, me enforcava livremente. Eu não conseguia nunca saber se ela estava rindo ou sorrindo, se era doce ou amargo, de mim ou para mim. Sentia o enforcamento no pescoço, e a voz morria, Joana! (BRAGA, 1961, p. 26.)

Há uma comparação entre a carrasca Joana e a carrasca Pierina e, mais do que simplesmente apontar a primeira aparição de Pierina em ordem cronológica, optamos por desvendar qual dessas carrascas foram mais persistentes, contribuindo para a produção literária do cronista: “Joana era um pecado mortalíssimo. Sua doçura me arruinou. Já Pierina é venial, amplamente venial. Sei que ela tem muita e má danação, mas é danação de purgatório, perdoável. Ela me apunhala, essa carrasca, e eu morro.” (BRAGA, 1961, p. 27.)

Fato importante, a crônica “As carrascas” foi escrita em São Paulo, exatamente no mesmo ano e local revelados em “A moça chamada Pierina”. Outro aspecto que confirma nosso retrato desse amor em retrospecto concretiza-se no fragmento a seguir, quando o eu faz referência à feiúra das quatorze mulheres comparando com a feiúra da mãe de Pierina – “gorda e severa”: “Sois tão ignóbeis que, ao vosso lado, a mãe de Pierina me parece um anjo, o mais lindo anjo das janelas do Braz.” (BRAGA, 1961, p. 28.) Pierina de fato existiu; sua mãe também. Mas quem é Joana? Quem é essa mulher que faria um anjo de Aleijadinho “transferir sua residência do limbo para o inferno, e ainda dizendo que era com muito prazer e muita honra” (BRAGA, 1961, p. 27)? Uma mulher fatal, uma carrasca. A curiosidade instalara-se em nós e, além de Pierina, desejávamos Joana; talvez para uma vingança contra a que ousava dividir parágrafo com Pierina, a venial Pierina.

Foi quando, por desgosto ou ironia, visualizamos a importância de Joana. Enquanto Pierina, nos livros pesquisados, possuía apenas três crônicas citando seu nome, excluindo “As carrascas” em que as duas se manifestam, Joana ganhava por três – sendo citada, assim, em seis crônicas e ocupando não apenas uma linha ou duas, mas muitas vezes dois ou três parágrafos. Pierina, é verdade, tem uma crônica só para si, embora a crônica tenha sido a resposta para uma leitora. Pierina perde. Joana, a mulher de nome comum, não o nome de origem italiana de Pierina, triunfa; alguns podem dizer ainda que Joana é qualquer uma, um pseudônimo para a “mulher do instante”, mas a sua vitória continua sendo inegável.

É relevante esclarecer que na crônica “O novo caderno” (novembro/1954), do livro *O verão e as mulheres*, há referências à Joana e ao seu surgimento: “Conheço Joana há algum tempo, mas só há poucos dias tomei nota de seu telefone [...]” (BRAGA, 1949, p. 89). Essa crônica é sobre um caderno de endereços e telefones. Como esse tipo de caderno era muito utilizado antigamente, envelheciam e, desgastados, precisavam ser passados a limpo – tarefa trabalhosa e

repetitiva: “É um trabalho fatigante: tenho de me esforçar para fazer boa letra, e chego à conclusão de que conheço muita gente, especialmente começando por A, L e M. Mas a fadiga não é apenas física; é também sentimental” (BRAGA, 1949, p. 88), já que o eu deverá escolher quem sai do velho para participar do novo caderno ou ir diretamente para o lixo. Joana é transferida “à tinta para a primeira linha da página da letra J, e escrevo seu nome devagar, como quem faz um carinho” (BRAGA, 1949, p. 89). Ao mesmo tempo em que o eu acarinha Joana e transfere seu nome à tinta, ou seja, com certa permanência para o novo caderno; o eu questiona a durabilidade disso: “Joana, daqui a um ano, um ano e meio, quando este caderno estiver sujo e velho, com que mão, Joana, escreverei teu nome no caderno novo?” (BRAGA, 1949, p. 89). Talvez tenhamos que admitir que ela é o amor ou a “mulher do momento”. Joana, o codinome que protegeria o nome de todas as outras mulheres: “[...] esse número talvez não vá para outro caderno, mas fique preso na minha memória entretanto infiel, como um remorso ou uma saudade”. (BRAGA, 1949, p. 89).

Realmente, talvez essa Joana não tenha resistido aos anos, mas outras certamente resistiram. Suponhamos que as Joanas sejam várias. Outra Joana aparecerá em crônica datada de 1957, apenas três anos depois, e outras aparecerão em 1958, 1960 e a última, conforme a nossa pesquisa, em 1967. Apenas não podemos confirmar com veemência se foi uma ou se foram duas ou três Joanas, ficam as hipóteses. Entretanto, deixando de lado a crônica motivada pelo outro-participativo, a última aparição de Pierina acontece em maio de 1949. Durante o período de 1949 a 1967, surgem cinco crônicas com Joana: uma delas, “A casa” de 1957, cita seu nome duplamente e em letras garrafais: “[...] onde ele [o cidadão triste] possa bradar, sem medo nem vergonha, *o nome de sua amada: JOANA, JOANA!*” (BRAGA, s.d., p. 45, grifo nosso.) Uma referência bem rápida, embora revele muito: revela o nome da amada e ponto de exclamação.

Caminhando por essa linha, de Joana como o símbolo de mulher amada, citamos uma crônica publicada em junho de 1958 – “Sizenando, a vida é triste”; ao travar “diálogo” com Sizenando e divagar, o eu demonstra seu ciúme em relação à ela: “[...] ou que minha amada Joana esteja neste minuto saindo do Sacha’s e entrando no carro daquele *stompanato*<sup>25</sup> de Botafogo”. (BRAGA, s.d., p. 95). Em outro trecho, o ciúme, para quem ainda não havia notado, fica claro: “A esta hora Joana deve estar no carro daquele palhaço, toda aconchegada a ele, meio tonta de uísque, vai para o apartamento dele – um imbecil que não sabe uma só palavra de esperanto! A vida é triste, Sizenando.” (BRAGA, s.d., p. 96).

Em outra crônica, “Sobre o amor, etc.”, de maio de 1948, publicada em *O homem rouco*, há um parágrafo dedicado à Joana. A crônica, resumidamente, tem como foco pessoas apaixonadas que não dividem as mesmas sensações; por exemplo:

<sup>25</sup> Alusão a Johnny Stompanato, gangster americano cuja data de morte coincide com a data de publicação da crônica.



Chamem de louco e tolo ao apaixonado que sente ciúmes quando ouve da sua amada dizer que na véspera de tarde o céu estava uma coisa lindíssima, com mil pequenas nuvens de leve purpura sobre um azul de sonho. [...] Ele, porém, na véspera estava dentro de uma sala qualquer e não viu céu nenhum. Se acaso tivesse chegado à janela e visto, agora seria feliz em saber que em outro ponto da cidade ela também vira. Mas isso não aconteceu, e ele tem ciúmes. (BRAGA, 1949, p. 13.)

O apaixonado sente que sua amada foi infiel, pois presenciou algo que ele não teve a oportunidade de ver. O eu cede outros exemplos ao falar do reencontro de antigos amigos que não se vêem mais. O eu esclarece que quando um amigo volta de longe, trazendo consigo uma infinidade de histórias, “nós” tentamos fazer o mesmo, mas percebemos que a conversa só se manterá se nos agarrarmos a velhas besteiras, às histórias em comum. Joana surgirá na crônica como o modelo de mulher amada. O eu de Braga dirá que “nafragamos a todo instante no mar bobo do tempo e do espaço, entre as ondas de coisas e sentimentos de todo dia” (BRAGA, 1949, p. 14) e que:

A mais bela criança que vemos correr ao sol não nos dá um prazer puro; a criança devia correr ao sol, mas Joana devia estar aqui para vê-la, ao nosso lado. Bem; mais tarde contaremos a Joana que fazia sol e vimos uma criança tão engraçada e linda que corria entre os canteiros querendo pegar uma borboleta com a mão. Mas não estaremos incorporando a criança à vida de Joana; estaremos apenas lhe entregando morto o corpinho traidor, para que Joana nos perdoe. (BRAGA, 1949, p. 15.)

Já vimos em “A casa” que Joana é o símbolo de mulher amada. “A casa” foi escrita em 1957 e “Sobre o amor, etc.”, em 1948, e nas duas ela é a pessoa amada.

Vale ressaltar, agora que chegamos ao fim, que não questionamos se Joana realmente existiu – como fez a leitora de “A moça chamada Pierina”; até mesmo porque o cronista não poderia mais sanar tal dúvida com uma resposta em forma de crônica. Ficamos apenas com a esperança de que tenha, sim, realmente existido – talvez não como uma e indivisível, mas como a representação dos diversos amores de Rubem Braga.

## REFERÊNCIAS:

ARRIGUCCI Jr., Davi. “Fragmentos sobre a crônica”. In: \_\_\_\_\_. *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. “Onde andarás o velho Braga?”. In: \_\_\_\_\_. *Achados e perdidos*. São Paulo: Polis, 1979.

BRAGA, Rubem. “A casa”. In: \_\_\_\_\_. *Ai de ti, Copacabana*. 9.ed. Rio de Janeiro: Record, s.d.

\_\_\_\_\_. “A moça chamada Pierina”. In: \_\_\_\_\_. *A traição das elegantes*. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

- \_\_\_\_\_. “As carrascas”. In: \_\_\_\_\_. *O conde e o passarinho*. 4.ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1961.
- \_\_\_\_\_. “O novo caderno”. In: \_\_\_\_\_. *O verão e as mulheres*. 9.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- \_\_\_\_\_. “Sizenando, a vida é triste”. In: \_\_\_\_\_. *Ai de ti, Copacabana*. 9.ed. Rio de Janeiro: Record, s.d.
- \_\_\_\_\_. “Sobre o amor, etc.”. In: \_\_\_\_\_. *O homem rouco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: história e antologia III*. São Paulo: Difusão européia do livro, 1964. p. 358-69.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1971. v. 6.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 131-3.
- NEVES, Margarida de Souza. “História da crônica. Crônica da história”. In: RESENDE, Beatriz. (Org.) *Cronistas do Rio*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SIBILIA, Paula. “Eu, eu, eu... você e todos nós”. In: \_\_\_\_\_. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.